

Greves durante o período soviético inicial, 1922 a 1932: Da militância à passividade da classe trabalhadora?*

Kevin Murphy**

Resumo: Este artigo investiga a atividade grevista no período soviético inicial. Usando os relatórios mensais da OGPU (polícia política) para Stálin, o ensaio oferece evidências estatísticas sobre a frequência, número de participantes e resoluções da atividade grevista dos trabalhadores. Discute-se que ao invés da repressão, os trabalhadores e o Estado alcançaram um “compromisso” durante a Nova Política Econômica (NEP), que posteriormente foi enfraquecida pelas medidas draconianas contra a classe trabalhadora durante o rápido processo de industrialização. O artigo apresenta os distúrbios entre os trabalhadores durante esse período final e explica por que alguns trabalhadores revidaram diferentemente da esmagadora maioria.

Abstract: This article investigates strike activity in the early Soviet Union period. Using monthly OGPU (political police) reports to Stalin, the essay provides statistical evidence on the frequency, participants, and resolution of workers’ strike activity. It argues that rather than repression, workers and state reached a ‘compromise’ during the New Economic Policy era that was later undermined by Stalin’s draconian measures against the working class during rapid industrialization. It shows workers unrest during this later period and explains why some workers fought back while the overwhelming majority did not.

Palavras-chave: Greves, Soviete, Trabalhadores, NEP, Stálin, Primeiro Plano Quinquenal, Resistência.
Key words: Strikes, Soviet, workers, NEP, Stalin, First Five-Year Plan, resistance.

*Artigo submetido em 16 de outubro de 2017 e aprovado em 14 de novembro de 2017. Gostaria de agradecer aos participantes da Conferência de História do Trabalho de Amsterdã pelos comentários sobre este artigo, especialmente a Wendy Goldman e Diane Koenker pelas sugestões enviadas por escrito. Gostaria de agradecer ainda a Julia Gusev pela ajuda na análise dos relatórios de greve da OGPU e a Aleksei Gusev por seus comentários provocativos sobre a NEP e a classe trabalhadora soviética.

** Professor de História na Universidade de Massachusetts, em Boston. É autor de *Revolution and Counterrevolution: Class Struggle in a Moscow Metal Factory*, que recebeu o prêmio Isaac Deutscher como livro marxista do ano em 2005. Também é editor da série *Jacobin Magazine Centenary* sobre a Revolução Russa. E-mail: kevinmurphy999@yahoo.com

A relação entre o regime soviético e a classe trabalhadora é, há muito, o centro da controvérsia sobre a natureza do sistema soviético e a ascensão do stalinismo. A dinâmica da atividade grevista diz muito sobre essa relação. Considerado que o regime soviético se colocava como um governo em defesa do interesse do proletariado, o que levava os trabalhadores a fazer greve e como o Estado respondeu? Até pouco tempo era praticamente impossível responder de maneira definitiva mesmo às questões mais básicas sobre a atividade grevista durante o período soviético inicial. O acesso aos arquivos da antiga União Soviética e às fontes publicadas nos ajudam a resolver algumas dessas questões e indicam áreas que requerem mais pesquisas.

Este artigo mapeia os contornos gerais das primeiras atividades grevistas soviéticas. Os resumos da OGPU, publicados como *"Soverchiénno sekriétno": Lubiánka-Stalini o polojênii v stranié (1922-1934 gg.)*, apresentam um quadro notável e sem precedentes para aferir as paralisações do trabalho. Apesar de algumas lacunas nos dados, hoje temos informações suficientes para avaliar o número de greves no começo do período soviético, a dimensão da participação dos trabalhadores, a duração dos conflitos, os motivos para realização das greves, quais trabalhadores eram mais propensos a aderir à greve em diferentes períodos, e como as paralisações eram resolvidas. Examinar os eventos pelo prisma de uma fábrica estrategicamente importante, a Serp i Molot em Moscou, oferece uma perspectiva adicional de base que não necessariamente é discernível por meio da análise quantitativa realizada pelo alto¹. Neste capítulo, examinarei a atividade grevista durante quatro períodos relativamente distintos: a recuperação da militância trabalhista após a Guerra Civil, o estabelecimento de um

1 MURPHY, 2005.

“contrato social” durante a NEP, a crescente pressão sobre este contrato no final da NEP e a atividade grevista decrescente, mas muito mais carregada politicamente, durante o Primeiro Plano Quinquenal, entre 1928 e 1932.

O nível geral da atividade grevista no Império Russo e na União Soviética nos primeiros trinta anos do século XX está agora bem estabelecido. Embora alguns totais agregados ainda estejam faltando, especialmente durante o período de Guerra Civil, a tendência geral está clara. Não surpreende que os pontos altos da atividade grevista estejam diretamente relacionados aos movimentos revolucionários de 1905 e 1917. Também vale mencionar a assombrosa propensão dos trabalhadores russos para o engajamento em greves políticas (32 vezes) entre o massacre de Lena em abril de 1912 e 1917. Apesar das repetidas prisões de militantes pela Okhrana depois de cada greve – uma ordem de magnitude de mais prisões do que a resposta do Estado soviético durante a NEP – o crescente movimento da classe trabalhadora foi interrompido apenas brevemente com o início da guerra².

Informações incompletas sobre greves durante o período da Guerra Civil tornam problemática qualquer avaliação. O certo é que uma significativa onda grevista ocorreu durante o início do ano de 1921, mas ainda há controvérsia quanto ao escopo, causas, o papel dos partidos de oposição e o nível de coerência política da revolta trabalhista³. Infelizmente, dados comparativos das greves de 1921 na União Soviética ainda não foram publicados.

2 Por exemplo, sobre a repressão pela Okhrana na região de Moscou entre 1912-1916, ver Arquivo Estatal da Federação Russa, Moscou (Gossudárstvenni arkhiv rossiiskoi federátsii, GARF), fond 63, opisi 33-36.

3 Jonathan Aves, em seu estudo pré-arquivístico, *Workers Against Lenin*, p. 111, afirma que os distúrbios industriais “disseminados por um pequeno número de ativistas e rumores envolvia a maior parte das regiões industriais do país”, mas esse estudo omite dados estatísticos da primeira metade de 1921. Serguei Iarov, em seu estudo de arquivo *Gorojanin kak politik*, p. 74, discute que o início de 1921 testemunhou “o mais poderoso protesto em Petrogrado desde os eventos de fevereiro de 1917”. O trabalho de arquivo de Simon Pirani sobre a onda grevista em Moscou, “Class Clashes”, mostra que, embora os socialistas revolucionários de esquerda, mencheviques e anarquistas tivessem desempenhado um papel importante nas paralisações, no plano político esse papel foi superestimado tanto por historiadores ocidentais quanto soviéticos.

TÍTULO

Ano	Greve	Grevistas	Média de grevistas por greve	Dias de trabalho perdidos
1901	164	32,218	196	110,193
1902	123	36,671	298	128,200
1903	550	86,832	158	444,919
1904	68	24,904	366	185,412
1905	13,995	2,863,173	205	23,609,387
1906	6,114	1,108,406	181	5,500,562
1907	3,573	740,074	207	2,431,527
1908	892	176,101	197	864,666
1909	340	64,160	189	417,768
1910	222	36,623	165	256,385
1911	466	105,110	226	791,053
1912	2,032	725,491	357	2,378,057
1913	2,404	887,096	369	3,482,610
1914	3,534	1,337,458	378	7,755,072
1914 (Janeiro a Julho)	3,493	1,327,897	380	5,662,315
1914 (Agosto a Dezembro)	41	9,561	233	259,049
1915	928	538,528	581	1,863,392
1916	1,161	878,347	757	3,368,617
1917	4,307	2,203,846	512	n/a
1918	n/a	n/a	n/a	n/a
1919	n/a	n/a	n/a	n/a
1920	146	135,442	928	n/a
1921	170	86,269	507	n/a
1922	538	197,022	366	n/a
1923	434	168,864	380	n/a
1924	300	n/a	n/a	n/a
1925	434	73,243	169	91,517
1926	843	106,044	126	143,730
1927	905	80,784	89	n/a
1928	842	93,835	111	134,875
1929	735	65,443	89	95,424

Tabela 1 – Atividade grevista no Império Russo e na União Soviética, 1901-1929
Dez meses (de janeiro a outubro).
Seis meses (julho a dezembro).

Fontes: ver as seguintes fontes para 1901-1916: Haimson; Brian, 1992, p. 444-445; dados para 1917 (janeiro a outubro): Koenker; Rosenberg, 1989, p. 69-70; dados para 1920-1922: AVES, 1996, p. 69, 183, 184; dados para 1923: Andreev, 2002, p. 47; dados para 1924-1926, 1928-1929: *Soverchiénno sekriétno*, vol. III: p. 112, vol. IV: p. 1026-1028, vol. VI: p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603, 670, vol. VII: p. 85, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564, 603; dados para 1927: Arquivo Estatal Russo de História Sociopolítica, Moscou (Rossiiskii gossudárstvenni arkhiv sotsialno-politícheskoi istorii, RGASPI), f. 17, op. 85, diélo 311, list 7.

Sabemos pela série *Soverchiénno sekriétno* que até 1922 a atividade grevista era muito menos politicamente carregada, sendo que quase todas as greves derivavam de questões econômicas. São discerníveis muitos outros atributos das ações grevistas do início da NEP. Em primeiro lugar, o número relativamente alto de participantes em cada paralisação (366 em 1922, e 380 em 1923) contrasta com as ações tardias da NEP e mostra que muitas greves se movimentavam para além dos limites de uma única fábrica. Em segundo lugar, ainda que a questão salarial fossem sempre a principal razão para o engajamento dos trabalhadores soviéticos em ações coletivas, metade das greves em 1923 e 40% delas em 1924 ocorreram especificamente em decorrência do atraso no pagamento dos salários. Dado o rápido crescimento da inflação antes da estabilização da moeda em 1924 (os trabalhadores da Serp i Molot recebiam milhões de rublos), a prioridade dada pelos trabalhadores à questão do atraso nos pagamentos é bastante compreensível⁴. Em terceiro lugar, ainda que a militância tradicional dos metalúrgicos persistisse no início da NEP, a diferenciação industrial das paralisações era relativamente homogênea. Os metalúrgicos organizaram 80 das 300 greves de 1924; os trabalhadores têxteis, 44; os mineradores, 36; os trabalhadores da indústria química e portuários, 21 cada⁵. Em quarto lugar, um número desproporcional de greves no início da NEP ocorreu em Moscou. Relatórios do soviete de Moscou em 1923 indicam uma atividade grevista praticamente ininterrupta na capital com paralisações se espalhando de fábrica em fábrica⁶. Nos últimos cinco meses de 1923, 51 das 217 greves reportadas (23,5%) ocorreram na capital. Relatórios mensais detalhados a Stálin sobre as queixas dos trabalhadores da indústria sugerem que os líderes soviéticos tinham bastante consciência das implicações políticas, especialmente depois

4 Anuncio da fábrica, 1 de abril de 1922, Arquivo Central da Cidade de Moscou (Tsentrálni munitsipalni arkhiv Moskvi, TsMAM), f. 176, op. 2, d. 102, l. 635. *Soverchiénno sekriétno*, v. III, p. 112.

5 *Soverchiénno sekriétno*, v. III, p. 112.

6 Relatórios ao soviete de Moscou, 1923, Arquivo Central da Região de Moscou (Tsentrálni gossudárstvenni arkhiv moskovskoi oblasti, TsGAMO), f. 19, op. 1, d. 62.

Greves durante o período soviético inicial, 1922 a 1932

Ano	Salário	Atraso no pagamento	Condições de trabalho	Outras causas
1923	101	156	N/A	55
(dados de 312 de 434 greves (71.9%))	32.4%	50.0%		17.6%
1924	151	120	9	20
(dados de 300 de 300 greves (100%))	50.3%	40.0%	3.0%	6.7%
1925	80	20	17	17
(dados de 134 de 434 greves (30.9%))	59.7%	14.9%	12.7%	12.7%
1926	508	173	48	106
(dados de 835 de 843 greves (99.1%))	60.8%	20.7%	5.7%	12.7%
1927	478	75	57	127
(dados de 737 de 905 greves (81.4%))	64.9%	10.2%	7.7%	17.2%
1928	589	59	72	122
(dados de 842 de 842 greves (100%))	70.0%	7.0%	8.6%	14.5%
1929	500	38	80	117
(dados de 735 de 735 greves (100%))	68.0%	5.2%	10.9%	15.9%
1923-1929	2407	641	283	564
(dados de 3,895 de 4,493 greves (86.7%))	61.8%	16.5%	7.3%	14.5%

Tabela 2 – Causas das greves na União Soviética, 1923-1929

Fontes: "Soverchiénno sekriétno", vol. I: p. 864, 890, 929, 950, 983, vol. III: p. 112, 705, vol. IV: p. 88, 168, 227, 307, 371, 441, 525, 621, 704, 802, 905, 1022, vol. V: p. 232, 307, 355, 413, 483, 556, 584, vol. VI: p. 99, 160, 206, 256, 315, 415, 455, 503, 544, 576, 603, 670, vol. VII: p. 85, 139, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564, 602.

que os distúrbios industriais levaram à formação da oposição trotskista⁷.

As greves na fábrica Serp i Molot oferecem uma visão desse novo distúrbio no início da NEP na capital soviética. A atividade grevista em 1922 foi modesta, com duas greves em lojas específicas, mas em 1923 os trabalhadores se tornaram melhor organizados e mais exigentes. Uma greve sem precedentes por uma jornada de seis horas em fevereiro de 1923 ilustra a militância trabalhista no início da NEP. Depois que a direção e representantes dos sindicatos rejeitaram a petição pela jornada de seis horas, trabalhadores articularam uma reunião e votaram a greve. Sob ameaça da direção de utilizar substitutos, os trabalhadores concordaram unanimemente em voltar, embora insistissem que a loja deveria ser retomada sem prejuízo aos líderes grevistas⁸. Muitos trabalhadores em 1923 não se esqueceram da força e tática da ação coletiva aprendidas durante os anos pré-revolucionários, e o alto nível de organização contrastava com o declínio durante a NEP⁹. Dois meses depois, três lojas pararam contra o aumento das normas de produção e em solidariedade a muitas outras fábricas do distrito. Em um encontro de delegados eleitos, muitos defenderam a busca por uma união de apoio formal para a paralisação e, assim como em muitas greves do início da NEP, essa terminaria em um acordo com o aumento das normas de produção, ainda que não no nível desejado pela direção¹⁰. Outra onda de greves na primavera de 1924 teve início numa fábrica de pregos predominantemente feminina, na qual as trabalhadoras exigiam aumento salarial e redução das normas de produção, e novamente foi organizada uma reunião. “As grevistas não permitiram que ninguém da administração, do comitê de fábrica, da célula ou mesmo trabalhadores de outras fábricas

7 Soverchiénno sekriétno, vol. I, p. 929, 949, 957, 981. Sobre a formação da oposição trotskista, ver Carr, *The Interregnum*, p. 257-370, e Deutscher, *The Prophet Unarmed*, p. 75-163.

8 Formulário do diretor da fábrica para Machinotrest, 26 de fevereiro, 1923, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 175, l. 1.

9 Relatório ao soviete de Moscou, fevereiro de 1923, TsGAMO, f. 19, op. 1, d. 62, ll. 46, 56, 58.

10 Reunião de articulação, 1 de março de 1923, TsMAM, f. 176, op. 1, d. 137, ll. 7, 9-16, 24.

participassem da reunião.” A paralisação se espalhou para fábricas de puxadores de fio, e um relatório ao soviete de Moscou observou que as “paralisações em uma fábrica e depois em outra parecem ser crônicas”¹¹.

Como as greves eram resolvidas no início da NEP? Os relatos da OGPU entre 1922 e 1928 mencionam apenas seis incidentes nos quais as autoridades prenderam trabalhadores grevistas, e apenas cinco outras greves em que usaram ou ameaçaram usar a força.¹² Ainda que certamente estejam faltando alguns relatórios sobre autoridades do governo pedindo a prisão de grevistas¹³, seria pouco provável que os agentes da OGPU omitssem deliberadamente tais informações dos membros do comitê central, ainda que novos trabalhos de arquivo sobre o tema sejam necessários¹⁴. Os eventos na fábrica Serp i Molot e dados mais detalhados do final da NEP mostram que foram os acordos e apaziguamentos com a direção, e não a repressão, que dominaram a resolução das greves. Um relatório de agosto de 1923 sobre a resolução de 47 greves menciona um dos seis incidentes da NEP em que grevistas foram presos (em Teikovo), mas dezessete greves foram resolvidas com a satisfação das exigências dos trabalhadores, dez por esclarecimento e três com o retorno às antigas condições de trabalho; os motivos das demais não são claros¹⁵.

A mais notável característica da atividade grevista durante a NEP é a acentuada queda do número de participantes das greves, de 197.022, em 1922, para 73.243, em 1925. Esse decréscimo é ainda mais significativo se considerarmos que a classe trabalhadora soviética cresceu constantemente durante a

11 Relatório ao soviete de Moscou, abril de 1924, TsGAMO, f. 66, op. 22, d. 87, l. 45.

12 Soverchiénno sekriétno, vol. I, p. 247, 771, 890, 933, 957-958; vol. IV, p. 129, 563-564, 841, 843; vol. V, p. 557.

13 Por exemplo, os relatórios da OGPU não mencionam a deportação de 92 ativistas em Leningrado em julho de 1923, ou a prisão do comitê de greve dos trabalhadores portuários de Leningrado em agosto de 1924. (TCHERNIAEV, 2000, p. 315, 328).

14 Aleksei Gusev discute que o autor deste artigo superestima a medida em que a repressão do Estado contribuiu para dissolver a atividade grevista na União Soviética de 1921 a 1934.

15 Soverchiénno sekriétno, vol. 1, p. 890.

NEP, de 1,30 milhão, em 1921, para 2,79 milhões (aproximadamente o nível do pré-guerra), em 1926, e 3,77 milhões em 1928. A propensão para greve dos trabalhadores soviéticos caiu consideravelmente (cf. Tabela 3).

Ano	Número de trabalhadores empregados em grandes indústrias	Média de participantes de greves por mês	Percentual de trabalhadores participantes de greves por mês
1913	2.44 milhões	73,925	3.03%
1917 (dados para dez meses, jan. a out.)	2.89 milhões	220,385	7.63%
1921 (dados para seis meses, jul. a dez.)	1.30 milhão	14,378	1.11%
1926	2.79 milhões	8,837	0.32%
1928	3.96 milhões	7,820	0.20%

Tabela 3 – Propensão de adesão à greve para trabalhadores russos e soviéticos

Fontes: dados sobre o número de trabalhadores de grandes indústrias são de DAVIES, 1994, p. 278, 282, 319. Esses dados de emprego não incluem trabalhadores do setor de transportes, comunicação, madeira ou indústrias de construção, embora algumas greves tenham ocorrido nessas

O que explica esse declínio na propensão dos trabalhadores a se engajarem em atividades grevistas? Alguns historiadores continuam a afirmar que a repressão do Estado sobre as classes trabalhadoras soviéticas fez cair o número de greves, mas há poucas evidências que sustentam isso¹⁶. E. H. Carr e R.

¹⁶ Vladimir Brovkin em *Russia After Lenin*, p. 173-189, afirma que ao longo da NEP os bolcheviques "mantiveram uma política anti-trabalhadores", mas sua impressionante pesquisa de arquivo revela apenas duas instâncias em que as autoridades prenderam trabalhadores. Do mesmo modo, Diane Koenker, em *Labor Relations in Socialist Russia*, p. 192, afirma que, ainda que os trabalhadores "pudessem se engajar em 'paralisações', em 1921, as 'greves' eram consideradas atos políticos graves e punidos com rigor", e afirma que o socialismo que emergiu da Guerra Civil "se apoiava no poder das agências de Estado – a Tcheká e o campo de concentração – para garantir a adesão aos objetivos e políticas definidos pelo centro". Andrew Pospelovsky, em "Strikes", observa que depois de 1922, os relatos de prisões de trabalhadores eram raros mas sugere que é "provável que os líderes da organização do chão de fábrica tenham sido presos em batidas gerais de elementos 'antissoviéticos', socialistas revolucionários, mencheviques, e 'membros' de outros partidos políticos". Da mesma forma, R. W. Davis e J. D. Barber, em "Employment e Industrial Labour", p. 94, afirmam que em meados dos anos 1920, "os trabalhadores tinham efetivamente perdido o arduamente adquirido direito à greve; as penalidades contra as greves eram quase mais

indústrias. Ver as seguintes fontes para dados de greve de 1913: Haimson; Brian, 1992, p. 444-445; dados para 1917: Koenker; Rosenberg, 1989, p. 69-70; dados para 1921: AVES, 1996, p. 183; dados para 1926 and 1928: *Soverchiénno sekriétno*, vol. IV: p. 1027, vol. VI: p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603, 670, vol. VII: p. 85

W. Davies apresentam um argumento institucional mais convincente, enfatizando o uso de acordos coletivos e corpos de arbítrio para evitar greves. As Comissões de Taxas e Conflitos (RKK) trataram de mais de oito mil disputas envolvendo mais de sete milhões de trabalhadores nos três últimos anos fiscais da NEP, com questões não resolvidas enviadas para arbítrio. Mas Carr e Davies também reconhecem a retirada de longo prazo dos sindicatos nesse ajuste industrial. A partir de 1925, “o destino do trabalhador repousava em um compromisso instável” entre o Vesenkha [Conselho Supremo da Economia Nacional] e os administradores vermelhos por um lado, ávidos para aumentar a eficiência da indústria e cortar custos, e os sindicatos, ainda preocupados com “os interesses materiais imediatos e o bem-estar dos trabalhadores”¹⁷.

A limitada ação grevista dos trabalhadores do Serp i Molot está de acordo com essa noção de “compromisso instável” durante a NEP. Nenhuma greve foi reportada na fábrica antes dos distúrbios do início de 1924 e apenas uma durante todo ano de 1925. Considerando-se tanto a persistência das dificuldades econômicas quanto a ausência de evidências de repressão por parte do governo, esse intervalo notável no ativismo trabalhista pode ser explicado pelo sucesso do governo em cooptar as dificuldades dos trabalhadores por meio de canais sindicais oficiais. Acordos coletivos anuais entre o sindicato dos metalúrgicos e a administração decidiam sobre taxas salariais, mas outras disputas entre o comitê de fábrica e a administração eram resolvidas pela RKK. Um representante da RKK explicou que repetidos conflitos com o comitê de fábrica não poderiam ser revolvidos, de modo que “era necessário criar uma comissão autorizada composta por representantes dos trabalhadores e da administração com base em paridade”¹⁸. Sessões semanais discutiam comunicados coletivos ou

severas do que antes da revolução”.

17 CARR; DAVIES, 1969, I, p. 600-601. Os dados de 1925 a 1926 são 2.426 disputas envolvendo 3,2 milhões de trabalhadores; de 1926 a 1927: 3.155 disputas envolvendo 2,46 milhões de trabalhadores; 1927 a 1928: 2.661 disputas envolvendo 1,87 milhões de trabalhadores.

18 Memórias de Dmitriev, GARF, f. 7952, op. 3, d. 255, ll. 51-52.

individuais dos trabalhadores, incluindo solicitações de roupas para o trabalho, pagamento, reclamações sobre transferências injustas, apelos sobre categorias de salário e mesmo solicitações para reduzir a jornada de trabalho. Durante dezoito meses entre 1924 e 1925, a RKK tratou de casos que envolveram o surpreendente número de 13.068 trabalhadores. A comissão esteve ao lado de 8.529 trabalhadores (65%) e contra 3.918 (29,86%), sendo que os demais casos, que envolveram 675 trabalhadores (5,14%) ou não foram resolvidos ou foram mandados para uma instância superior. A influência da base sobre a RKK é ilustrada por dois relatórios de comitês de fábrica de 1925. O primeiro resumo do trabalho da RKK emitido em maio detalhou 220 conflitos durante o primeiro semestre, envolvendo 5.066 trabalhadores. A RKK esteve do lado dos trabalhadores em 46% dos casos e contra eles em 51%. Uma revisão do relatório incluiu ainda outros 66 conflitos, todos decididos em favor dos trabalhadores. O novo total mostrou que uma ligeira maioria (50,06%) dos 5.463 trabalhadores afetados tiveram resoluções favoráveis¹⁹. Como mostraram Andreev Bordkin e Kirianov, outros corpos de deliberação e conciliação em Moscou trataram de inúmeros conflitos que envolveram mais de duzentos mil trabalhadores tanto em 1923 quanto em 1924.²⁰

Os trabalhadores têxteis, relativamente menos bem pagos, foram a exceção nesse contrato social durante a NEP. Eles entraram em greve 92 vezes em 1925 (ver Tabela 5 neste artigo) e seus 33.167 participantes representaram o surpreendente percentual de 45,3% de todos os grevistas do ano. O estudo de Chris Ward sobre os trabalhadores de algodão durante a NEP explica que a onda de greves foi uma resposta da militância para os esforços do governo de intensificar o processo de trabalho. Os trabalhadores têxteis mostraram um elevado nível de organização, elegendo comitês de greve, muitos dos quais surgidos nos comitês de fábrica que tinham sido tomados por

19 Ver as seguintes fontes sobre as reuniões da RKK, 1924: TsGAMO, f. 186, op. 1, d. 950, ll. 63-99; para relatórios dos comitês de fábrica, 1924, 1925: TsMAM, f. 186, op. 2, d. 216, ll. 5-6; d. 220, ll. 15-16; para relatórios dos comitês de fábrica, 1925: TsMAM, f. 186, op. 2, d. 254, ll. 45-47.

20 ANDREEV, 2002, p. 52.

militantes²¹. Não é coincidência que onde os empregados eram mais críticos de seus sindicatos, entre os operadores têxteis de Ivanovo, os trabalhadores optaram por construir redes independentes, continuaram a fazer greve em 1925 e 1926²² e mantiveram essa tradição de militância durante o Primeiro Plano Quinquenal.

Acordos coletivos, RKKs e outros corpos de deliberação forneceram um grau de estabilidade social durante a NEP, mas esse compromisso entre trabalhadores e Estado era inerentemente instável. Carr e Davies sugerem que o “compromisso instável” entre o Estado soviético e a classe trabalhadora esteve sob enorme pressão durante as incessantes campanhas de corte de gastos do governo durante a NEP. Na medida em que “o impulso de industrialização se intensificou, os sindicatos lutaram uma batalha perdida; as necessidades da indústria eram primordiais”, de modo que os líderes sindicais “se contentaram em fazer uma retirada ordeira”, salvando o que fosse possível no caminho²³. Com menos contratos sindicais favoráveis, alguns trabalhadores organizaram uma ação grevista. O que é notável é como essas paralisações foram resolvidas (ver Tabela 4).

Supondo que os relatos de greve da OGPU para Stálin não eram filtrados (ou seja, dados desfavoráveis não eram omitidos), a amostra de 31,7% é estatisticamente suficiente para tirar conclusões sobre como as greves foram resolvidas nesse período. Significativamente, a repressão no sentido amplo (prisões, uso ou ameaça de uso de violência contra trabalhadores) foi muito menos frequente (9,4%) do que os historiadores presumiram. Na maioria dos casos (61,2%) chegou-se a algum compromisso com os trabalhadores, com um incrível índice de 45% das greves resolvidas com a concordância da direção em relação às algumas ou todas as exigências dos trabalhadores.

21 WARD, 2002, p. 176-180.

22 Soverchiénno sekriétno, vol. III, p. 253, 285-288, 311-313, 456-458, 520, 531, 605, 607, 652, 655, 668-671, 708, 711, 729-731; vol. IV, p. 52-54, 63, 261, 310-311, 402-404, 499, 558, 570, 734-735, 747, 836, 943.

23 CARR; DAVIES, 1969, I, p. 544, 600-601.

Em 1926, os trabalhadores temporários (*otkhódniki*) emergiram como o setor mais militante da classe trabalhadora soviética. Menos acostumados às regras da negociação industrial, a seção menos estudada da classe trabalhadora soviética era também a mais propensa a entrar em greve. Em 1928, os trabalhadores temporários organizaram mais de metade das greves e compuseram mais de metade do contingente grevista.

A esmagadora maioria dos trabalhadores soviéticos, contudo, continuou a levantar queixas dentro dos limites dos canais formais sindicais, ainda que em condições menos favoráveis. Evidências da fábrica Serp i Molot ilustram o retrocesso dos sindicatos durante a NEP e o fortalecimento da posição da administração. A direção começou a usar o alto nível de desemprego como arma disciplinar contra os trabalhadores. Em abril de 1925, um porta-voz do comitê do partido de Moscou defendeu um corte salarial, afirmando em tom de ameaça que o desemprego em Moscou havia dobrado e chegado a 96 mil trabalhadores nos cinco meses precedentes, sendo sete mil metalúrgicos desempregados. A crise econômica durante o final da NEP fortaleceu a posição do Estado contra a classe trabalhadora, mas ainda em abril de 1925 havia uma dissidência declarada muito viva dentro do partido, uma vez que pelo menos quatro porta-vozes condenaram a proposta de redução salarial. Ainda que o salário real dos trabalhadores tivesse aumentado e chegado a 94% dos níveis do pré-guerra no começo de 1925, os aumentos salariais de 10,6 e 6,2% nos últimos três anos da NEP foram, na realidade, pequenas reduções, considerando que mesmo o jornal da fábrica reconheceu que a inflação de 1926 foi de 16%²⁴.

Os trabalhadores não culpavam automaticamente a política de Estado pelo declínio de suas posições econômicas. As muitas divisões sobrepostas dentro da força de trabalho (baseadas na fábrica, habilidade, idade, gênero, origem urbana ou camponesa etc.) foram exacerbadas durante a crise no final da NEP. Por exemplo, a promoção de poucas mulheres incitava ressentimento entre alguns trabalhadores homens. Um

24 Martenovka, 7 de novembro de 1925, 7 novembro de 1926, 12 de fevereiro de 1928, 26 de outubro de 1928.

Greves durante o período soviético inicial, 1922 a 1932

Ano	Prisão de trabalhadores pelas autoridades	Uso de violência (ou ameaça) contra os trabalhadores	Intervenção do sindicato ou arbítrio	Concordância da direção em reexaminar a questão	Satisfação parcial ou total das exigências dos trabalhadores pela direção	Recusa da direção em atender às exigências dos trabalhadores	Trabalhadores optam por deixar a fábrica	Direção convence os trabalhadores a voltar ao trabalho
1925 (dados de 186 das 434 greves - 42.9%)	0 0%	27 14.5%	24 12.9%	6 3.2%	88 47.3%	19 10.2%	8 4.3%	14 7.5%
1926 (dados de 292 das 843 greves - 34.6%)	4 4%	24 8.2%	42 14.4%	21 7.2%	130 44.5%	40 13.7%	10 3.4%	21 7.2%
1927 (dados de 213 das 905 greves - 23.5%)	1 1%	9 4.2%	22 5.2%	8 3.8%	93 43.7%	61 28.6%	6 2%	24 11.3%
1925-1927 (dados de 691 das 2182 greves - 31.7%)	5 0.7%	60 8.7%	77 11.1%	35 5.1%	311 45.0%	120 17.4%	24 3.5%	59 8.5%

Tabela 4 – Resolução das greves na União Soviética, 1925-1927

Fontes: Soverchiénno sekriétno, vol. III: p. 36-38, 49-56, 120-121, 137-140, 177-181, 194-198, 226-232, 249-255, 285-294, 310-322, 54, vol. v: pp. 22-27, 50-60, 126-135, 159-174, 234-243, 263-273, 309-315, 335-340, 357-363, 380-391, 415-421, 444-450, 485-492, 511-518, 557-564, 585-586, 592-593, 611-612, 637-638, 646-647, 655-667.

Ano	Metalúrgicos: greves e partici- pantes	Trabalhadores têxteis: greves e participantes	Trabalhadores temporários: greves e partici- pantes	Outras indústrias: greves e partici- pantes	Total
1924 (dados de todas as 300 greves - 100%)	80 (26.7%)	44 (14.7%)	n/a	176 (58.7%)	300 greves
1925 (dados de todas as 434 greves - 100%)	113 (26.0%)	92 (21.2%)	53 (12.2%)	176 (40.6%)	434 greves
	10,373 (14.7%)	33,167 (45.3%)	10,269 (14%)	19,070 (26%)	73,243 particip.
1926 (dados de todas as 843 greves - 100%)	175 (20.8%)	114 (13.6%)	305 (36.2%)	249 (29.4%)	843 greves
	20,412 (19.2%)	11,728 (11.1%)	45,483 (42.9%)	28,421 (26.8%)	106,044 particip.
1927 (9meses) (dados de 737 das 905 greves - 81.4% - e 63,781 dos 80,784 partici- pantes - 79%)	110 (14.9%)	123 (16.7%)	290 (39.3%)	214 (29%)	905 greves
	13.090 (20.5%)	10,926n(17.1%)	26,851 (42.1%)	12,914 (20.2%)	80,787 particip.
1928 (dados de todas as 842 greves - 100%)	116 (13.8%)	122 (14.5%)	457 (54.3%)	147 (17.5%)	842 greves
	11,091 (11.8%)	20,294 (21.6%)	50,152 (53.4%)	12,370 (13.2%)	93,907 particip.
1929 (dados de todas as 735 greves - 100%)	64 (8.7%)	65 (8.8%)	514 (69.9%)	92 (12.5%)	735 greves
	4,663 (7.1%)	5,134 (7.8%)	49,080 (75%)	6,566 (10%)	65,443 particip.

Tabela 5 – Greves por indústria na União Soviética, 1924-1929

Fontes: *Soverchiénno sekriétno*, vol. III: p. 112; vol. IV, p. 1023, 1024, 1026, 1027, 1029, 1030, 1032, 1033, 1035, 1036, vol. V: p. 232, 307, 355, 413, 483, 556, 584, vol. vi: p. 99; vol. VII: p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603, 670, vol. VIII: p. 85, 139, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564, 602.

trabalhador de uma indústria de laminação reclamou do fato de mulheres terem sido designadas para operar máquinas e propôs que “se tomassem medidas para que elas fossem removidas”. Uma porta-voz mulher notou que “maquinistas mais velhos não apoiavam as mulheres; trabalhadores técnicos não têm pena de nós”²⁵. Da mesma forma que os homens culpavam as mulheres pela piora em suas posições, elas expressavam semelhante hostilidade contra os trabalhadores do campo. Durante uma discussão sobre desemprego de mulheres em maio de 1928, a representante sindical atribuiu o aumento do desemprego entre as mulheres ao massivo influxo de mão de obra do campo. As 146 mulheres presentes na reunião atribuíram o crescimento do desemprego ao “influxo da população camponesa”, e passaram uma resolução para “interromper o registro dos desempregados vindos das vilas, exceto para trabalhadores temporários”²⁶. O final da NEP também viu um aumento significativo do antissemitismo na classe trabalhadora. Em 1926, o comitê central do Komsomol aprovou uma resolução para combater “o recente fortalecimento do antissemitismo entre os jovens” e admitiu que “um espírito antissemita penetrou os quadros [do Komsomol] de forma pronunciada”. No verão de 1926, o resumo das informações do comitê de Moscou incluiu uma seção regular sobre o antissemitismo que expressava preocupação de que “recentemente tem sido possível observar o crescimento de um espírito antissemita que encontrou reverberação entre diferentes grupos de comunistas”²⁷.

A divisão mais aparente entre os trabalhadores soviéticos, contudo, era entre as fábricas. Embora a maioria dos trabalhadores soviéticos permitissem que os sindicatos decidissem sobre disputas com a administração nos últimos três anos da

25 Reunião da fábrica de laminação, 2 de outubro de 1928, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 795, ll. 22, 29-31.

26 Reunião das mulheres, 13 de maio de 1928, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 180, ll. 51-52.

27 Discussão e resolução do comitê central do Komsomol, 28 de outubro de 1926, Centro de Documentação sobre Organizações de Jovens, Moscou (Tsentr khраниéniiia dokumentát-sii molodiójnikh organizatsii, TsKhDMO), f. 1, op. 23, d. 564, ll. 2-4, 35; Resumos de informações do comitê de Moscou, de maio até o início de outubro de 1926, RGASPI, f. 17, op. 85, d. 66, l. 62; d. 67, ll. 27, 36-37, 60, 88.

NEP, aproximadamente 280 mil trabalhadores optaram por evitar os sindicatos e organizar greves. Não obstante, o nível de solidariedade entre as fábricas e dentro delas havia diminuído consideravelmente. Enquanto no começo da NEP o número médio de grevistas por paralisação era de quase quatrocentos por greve, em 1927, as paralisações contavam em média com 89 trabalhadores. Quase todas as greves eram limitadas a uma fábrica e duravam apenas um dia ou menos.

Três greves no Serp i Molot ilustram a dinâmica das paralisações em uma única fábrica no final da NEP. Em 15 de novembro de 1926, setenta fundidores e cortadores de uma fábrica de fundição organizaram uma greve “italiana” (*italianka*) de duas horas e meia depois que a administração decidiu que eles teriam que pagar por peças com defeito (*brak*). Os trabalhadores, alegando que a administração não tinha direito de penalizá-los segundo o acordo coletivo, pararam o trabalho às 7h30 da manhã. Os comunistas da fábrica “participaram pouco da paralisação e adotaram uma postura passiva, a não ser pelo secretário da célula, o representante do sindicato e um trabalhador do partido”. A RKK resolveu a paralisação se colocando ao lado dos trabalhadores e ordenando que a administração “retornasse temporariamente o sistema de pagamento anterior”²⁸.

Uma greve em janeiro de 1927 se desenrolou ostensivamente devido à falta de calefação na fábrica, mas na realidade se centrava na distribuição salarial. Os trabalhadores insistiam na compensação pelo trabalho feito durante o feriado, mas a administração afirmava não ter dinheiro e que o pagamento seria feito no dia 15 do mês. Na manhã do dia 14, cerca de 35 trabalhadores (incluindo membros do partido) alegaram não poder trabalhar devido à calefação inadequada. O opositor Jirov e outro trabalhador foram para o escritório da fábrica para explicar a situação. O presidente e outro membro do comitê da fábrica entraram e perguntaram aos trabalhadores

28 Resumo do comitê de Moscou, 20 de novembro de 1926, Arquivo central para documentação de movimentos sociais de Moscou (Tsentralni arkhiv obschestvennikh dvijëni Moskvi, TsAODM), f. 429, op. 1, d. 62, ll. 13-15; resumo do comitê de Moscou, 10-12 de novembro de 1926, TsAODM, f. 429, op. 7, d. 53, l. 149; d. 56, l. 74, Soverchiënno sekriëtno, vol. IV, p. 832.

que não eram do partido se era possível trabalhar. Os trabalhadores ociosos apontaram para um grupo que incluía membros do partido e disseram: “assim como eles”, querendo dizer que a ação havia sido sancionada e eles estavam apenas seguindo a ordem dos membros do partido. Os sindicalistas sugeriram a transferência de trabalhadores, conforme indicação do acordo coletivo, mas eles recusaram e retornaram ao trabalho às 14h30. Os líderes do partido notaram que “infelizmente, os líderes dessa paralisação parecem ser os membros do partido Jirov e Koptev” e emitiram uma nota de advertência, mas nenhum membro que participou da ação foi expulso²⁹. Na reunião posterior da célula, muitos membros desafiaram seus líderes. Um deles protestou contra a ideia de os membros do partido agirem como fura-greves. “Era impossível trabalhar. Se os operários não trabalhassem e os membros do partido sim, não funcionaria”, ele afirmou. Além disso, o mesmo membro defendeu que “camaradas não deveriam ser acusados individualmente. A decisão do escritório da fábrica foi equivocada”. Outro membro afirmou que houve “muitas paralisações” na fábrica, indicando que greves curtas em função de questões específicas não eram reportadas aos líderes das fábricas, ainda menos para o comitê do Partido Comunista de Moscou. Apesar disso, canais sindicais oficiais – e não a repressão do governo – finalizavam as disputas. Significativamente, um opositor, a quem o Estado rotularia de “contrarrevolucionário” poucos meses depois, liderou a segunda greve e não foi expulso ou tampouco preso³⁰.

Em ambas as greves da Serp i Molot no inverno de 1926-1927, os trabalhadores compreenderam os detalhes do acordo coletivo. Na primeira greve, eles compreenderam que a administração havia ido além dos limites do contrato e acreditaram, que, se houvesse justificativa, a poderosa RKK ficaria do lado deles. A segunda greve foi mal concebida em termos da carta do acordo coletivo. Em ambas as greves, os membros do partido apoiaram as ações ativas ou passivamente e a participação

29 Relatório da fábrica, setembro de 1927, TsAODM, f. 429, op. 1, d. 62, ll. 40-41.

30 Reunião do escritório do partido da fábrica, 9 de fevereiro de 1927, TsAODM, f. 429, op. 1, d. 57, ll. 117-118.

do partido deu legitimidade às paralisações. Em ambas as greves, os representantes sindicais compreenderam que sua tarefa era resolver a questão o mais rapidamente possível, mas eles não eram meros joguetes da administração: todos os envolvidos reconheciam a importância do acordo coletivo. O escrutínio da investigação oficial da greve revela a seriedade com a qual o partido via a ação grevista. Os membros do partido, contudo, ficaram no contraditório papel de tentar ser membros leais do partido e líderes do chão de fábrica num período em que a política de Estado estava se movendo mais decisivamente contra o interesse do trabalho.

Uma greve no início de 1928 numa fábrica de parafusos abalou a organização do partido. O secretário da célula lembrou os membros de que, em caso de conflito, era necessário apelar para os canais adequados. Um membro desafiou essa noção, acusando o “comitê de fábrica pela greve, pois eles não deram a devida atenção às petições feitas pelos trabalhadores nos últimos cinco meses”. Um relatório detalhado da paralisação e do humor dos trabalhadores mostra que sessenta operadores de prensa pararam o trabalho por uma hora e meia devido à insatisfação com as taxas das peças. Depois que o assistente do diretor explicou que as taxas seriam prioridade no próximo acordo coletivo, os operadores retornaram ao trabalho. O partido organizou uma comissão para investigar a greve e convocou uma reunião em 18 de fevereiro. Três dias antes da reunião, a administração decidiu demitir um dos líderes grevistas, Stepanov, sob a alegação de que ele havia recusado a transferência para outra prensa. Um membro da comissão sugeriu adiar a demissão de Stepanov, “pois os trabalhadores poderiam interpretar como represália contra um dos líderes do conflito”. A administração recusou e Stepanov recebeu seu último pagamento no dia da reunião. Sessenta pessoas, mas apenas dez dos oitenta comunistas, compareceram à reunião extraordinária. A sessão orquestrada por fiéis do Estado conseguiu manter o controle da forte hostilidade. Embora os trabalhadores tenham tentado resistir à demissão de um dos líderes grevistas, eles simplesmente não tinham confiança para tomar a reunião e resistir à vitimização como faziam no começo da NEP:

Os trabalhadores que tomaram a palavra culpavam o comitê de fábrica e a administração pela paralisação. Um candidato a membro do partido justificou a paralisação e ameaçou repetir a greve se muitas das deficiências da fábrica não fossem eliminadas (ventilação etc.). Os trabalhadores ouviram os discursos do diretor e do secretário de célula com desaprovação. Eu escrevi o esboço da resolução com três pontos principais: 1) admitir o caminho incoerente escolhido pelos trabalhadores para resolver o conflito; 2) uma investigação detalhada do comportamento dos membros da RKK em relação às queixas dos trabalhadores; 3) um reexame da taxa de peças.

Essa resolução não recebeu um único voto a favor. Muitos trabalhadores tomaram a palavra e disseram que a resolução julgava de forma injusta o comportamento dos trabalhadores. Muitos deles enfatizaram que a demissão de Stepanov tinha sido a resposta da organização da fábrica para as justas exigências dos trabalhadores. O secretário da célula e o representante sindical que presidiram a reunião não foram capazes de alterar o espírito do grupo com seus discursos, e até pioraram a situação. Alguns trabalhadores tentaram colocar em votação a questão da demissão de Stepanov, mas conseguimos impedir [...]³¹.

Com poucas exceções, especialmente entre os trabalhadores temporários e têxteis, os trabalhadores soviéticos foram incapazes de construir organizações trabalhistas independentes para resistir à ofensiva do Estado. Os trabalhadores da Serp i Molot que não eram do partido se voltavam aos dissidentes do partido e dos sindicatos em busca de líderes a fim de mudar o sistema da fábrica por dentro. A esperança por reformas explica a incapacidade dos trabalhadores de construir novas redes independentes para desafiar a crescente política anti-trabalhista do Estado. Considerando que as instituições antes respondiam de maneira simpática às suas preocupações, a expectativa de que os trabalhadores seriam capazes de pressioná-las para fazer o mesmo novamente era bastante lógica.

31 Reunião da fábrica de parafusos, 15 de fevereiro de 1928, TsAODM, f. 429, op. 1, d. 84, l. 101; relatório secreto do partido escrito por R. Novin, 18 de fevereiro de 1928, *ibid.*, ll. 135-138.

Se deixarmos de lado a situação paradoxal do Estado agindo ao mesmo tempo como empregador e defensor da classe trabalhadora e a questão teórica mais ampla da natureza do sistema soviético, o declínio do movimento trabalhista soviético tinha muitas características em comum com o recuo dos movimentos trabalhistas em geral³². Em primeiro lugar, os empregadores usavam o aumento do desemprego como arma para desvirtuar as concessões dos sindicatos e intimidar trabalhadores. Em segundo lugar, os sindicatos retrocederam em muitas questões, fazendo concessões à direção quanto aos salários e muitas outras questões. Os trabalhadores responderam a esse recuo reclamando de que os sindicatos não os estavam defendendo adequadamente, ainda que eles continuassem fiéis membros e contribuintes dos mesmos. Eles buscavam soluções para a situação por meio de reformas com esperança de que pudessem pressionar os oficiais dos sindicatos. Em terceiro lugar, os trabalhadores passaram a culpar uns aos outros pela situação deteriorada, uma característica comum do enfraquecimento da solidariedade. Em quarto lugar, alguns trabalhadores ocasionalmente optavam por ultrapassar os limites dos canais oficiais e organizaram greves arriscadas, especialmente os trabalhadores temporários, que recebiam salários mais baixos e eram menos ligados à disciplina do contrato social.

Dados limitados indicam que o declínio da atividade grevista continuou durante o primeiro Plano Quinquenal em termos do número de paralisações, de participantes e de dias perdidos. Isso se deu num período de rápida expansão industrial: a classe trabalhadora mais do que dobrou em apenas quatro anos, passando de 3.096 milhões de trabalhadores empregados em empresas de larga escala em 1928, para 6.481 milhões em 1932, com uma expansão de trabalhadores empregados em todos os setores da indústria de 4.339 milhões para 9.374 milhões³³. Enquanto as 735 greves de 1929 mostram que alguns trabalhadores continuaram a se engajar em ações coletivas,

32 Por exemplo, ver a discussão de James Green sobre o recuo do movimento trabalhista nos Estados Unidos durante os anos 1920 em "New Capitalism".

33 DAVIES; BARBER, 1994, p. 282.

sua propensão para tal sofreu forte declínio durante a segunda metade de 1929. A atividade grevista teve seu pico em junho (119 greves com 15.634 participantes) e em julho (120 paralisações com 7.555 participantes), mas entrou em declínio mês após mês a partir de então: 106 greves em agosto, 69 em setembro, 48 em outubro, 32 em novembro, 19 em dezembro³⁴. Embora fosse comum que o auge da atividade grevista ocorresse no meio do ano, (20.025 trabalhadores participaram de paralisações em maio de 1925; 23.254 em junho de 1926; 14.097 em junho de 1927; e 12.243 em agosto de 1928)³⁵, a queda em 1929 parece ser mais permanente. Durante os primeiros oito meses de 1930, os trabalhadores soviéticos organizaram apenas 147 greves com somente 11.833 participantes e 13.279 dias perdidos³⁶. Ainda não se sabe se essa tendência de declínio continuou nos últimos meses de 1930 e nos anos de 1931 e 1932, embora o trabalho de Jeffery Rossman demonstre ter havido novas atividades grevistas em 1931 e especialmente no começo de 1932 entre os trabalhadores têxteis da região industrial de Ivanovo³⁷.

A segunda característica marcante da atividade grevista durante o Primeiro Plano Quinquenal, mostrada na Tabela 5, é que os trabalhadores soviéticos mais desesperados e vulneráveis economicamente (trabalhadores temporários e mulheres da indústria têxtil) organizaram a mais dura resistência à ofensiva do Estado durante esse período. Em 1929, os *otkhódniki* organizaram 514 greves (69,9% do total) envolvendo 49.080 trabalhadores (75% do total de grevistas). De fato, *sem* a militância constante dos trabalhadores temporários o número de greves em 1929 (221) seria comparável ao dos primeiros anos do século e o número de participantes (16.353) seria menor do que o de qualquer outro ano. Evidências anedóticas indicam que os *otkhódniki* continuaram a ser os grevistas mais numerosos em 1930. Por vinte dias em outubro, os trabalhadores tempo-

34 Soverchiénno sekriétno, vol. VII, p. 139-173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564, 602.

35 Ibid, vol. IV, p. 1026; vol. V, p. 556; vol. VI, p. 503.

36 MURPHY, "Strikes During the First Five-Year Plan", artigo em processo de elaboração.

37 Cf. ROSSMAN, 2005.

rários organizaram 37 greves com 2.772 participantes, sendo que a maioria delas (31 paralisações) foi organizada por trabalhadores da construção civil³⁸. As mulheres trabalhadoras da indústria têxtil também revidaram. O número de greves no setor aumentou de 69 em 1929 para 92 em 1930, embora a maior paralisação tenha envolvido apenas seiscentas trabalhadoras e durado apenas trinta minutos, uma vez que a curta duração das greves (1,46 dias por paralisação para todas as greves soviéticas em 1929) continuou³⁹.

Apesar do declínio, poucas evidências sugerem um aspecto político mais carregado da ação grevista ao longo do Primeiro Plano Quinquenal. De fato, os trabalhadores fizeram greve 66 vezes em 1929 devido a provisões de alimento, e quatro vezes em outubro por causa da implementação da semana de trabalho contínua. Durante os primeiros oito meses de 1930, houve 21 greves por causa de provisões de alimento. Um relatório de abril de 1932 para Stálin e Kaganóvitch mostra que, com a queda no fornecimento de alimento, os trabalhadores da fábrica Smytchka na Ucrânia e de outra fábrica em Borisovo, Bielorrússia, entraram em greve por não terem recebido suas rações. Em 7 de abril de 1932, os trabalhadores da fábrica de Alapaevski nos Urais também entraram em greve e marcharam até o comitê do partido da cidade (*gorkom*) exigindo pão: “Nossas famílias estão com fome e não conseguimos nos aguentar em pé”⁴⁰.

O estudo de Rossman sobre os trabalhadores têxteis de Ivanovo ilustra a dinâmica potencialmente explosiva da ação grevista. O número de greves caiu dramaticamente de 25, com 3.084 trabalhadores no ano fiscal de 1928, para apenas seis, com 153 participantes no ano seguinte. Rossman atribui essa queda à crescente ameaça de desemprego e presença cada vez maior da OGPU, que mirava os líderes. Mas a expansão da indústria têxtil, combinada ao rápido declínio no fornecimento de alimentos, encorajou cada vez mais os trabalhadores de

38 MURPHY, “Strikes During the First Five-Year Plan”, artigo em processo de elaboração.

39 OSOKINA, 2001, p. 53, 92, 94.

40 GARF, f. 5451, op. 42, d. 250, l. 17.

Ivanovo, de modo que o número de greves cresceu para 55 em 1930 e 116 em 1931. Em abril de 1932, vinte mil trabalhadores de seis cidades da região industrial de Ivanovo estavam envolvidos em ações grevistas militantes e, às vezes, violentas. Rossman detalha de maneira brilhante tanto a marcha da fome de Teikovo quanto a greve geral e o levante de Vichuga, que mostram um elevado nível de organização e determinação dos trabalhadores, apesar dos enormes riscos⁴¹.

Embora a extensão geral da atividade grevista soviética em 1931 e 1932 seja desconhecida, é pouco provável que os historiadores descubram de uma hora para outra uma ação industrial tão alastrada em outras regiões. O que explica o nível excepcional de militância de Ivanovo? Rossman elenca de maneira convincente três fatores que fez dessa região “o epicentro da resistência trabalhista à revolução de Stálin”. Em primeiro lugar, as duras condições da indústria têxtil pressionavam mais os trabalhadores do que em outros setores. Em segundo lugar, a grande proporção de mulheres no chão de fábrica levava a mais greves, pois as mulheres eram afetadas de modo desordenado pela falta de alimento e elevadas cargas de trabalho, além de “desfrutarem de mais licenças do que os homens para participar de atos de protesto” sem risco de demissão ou prisão. Em terceiro lugar, a excepcional estabilidade da força de trabalho significava que as tradições e rotinas de defesa do interesse dos trabalhadores persistiram entre os meios veteranos de Ivanovo⁴². Eu acrescentaria, como mencionado anteriormente, um quarto fator. Os trabalhadores de Ivanovo foram os mais militantes durante a NEP e suas denúncias dos representantes dos sindicatos indicam que o “contrato social” da NEP nunca teve a mesma ressonância que existiu entre outros trabalhadores. A tradição de militância e de redes de oposição parece ter persistido ao longo da NEP, desempenhando um papel importante na atividade grevista durante o Primeiro Plano Quinquenal.

41 ROSSMAN, 2005.

42 Ibidem, p. 232-233.

Os líderes soviéticos eram bastante conscientes das implicações de potenciais rebeliões de trabalhadores em Moscou e Leningrado, e instituíram medidas profiláticas para evitá-las. Quando a situação se agravava em 1932, Moscou recebeu enormes quantidades de suprimentos, seguida de perto por Leningrado. Na relativa condição favorável de Moscou, os trabalhadores da indústria pesada eram particularmente privilegiados, recebendo rações regulares duas vezes ao mês. Como Elena Osokina observa, “o Politburo supervisionou a provisão de Moscou e de Leningrado e diminuiu as normas dos trabalhadores industriais das capitais como último recurso depois de cortar as rações de todos os outros grupos da população”⁴³. Embora o número de prisões de grevistas durante o Primeiro Plano Quinquenal ainda seja desconhecido, os acontecimentos na Serp i Molot mostram que a coerção e a repressão no sentido amplo, incluindo uso estratégico de comida como arma disciplinar, era difundido, embora a rotatividade e o fortalecimento das divisões entre a força de trabalho também fossem evidentes⁴⁴.

Embora ainda haja algumas lacunas em nossa compreensão da atividade grevista soviética durante a NEP e o Primeiro Plano Quinquenal, os parâmetros básicos já podem ser determinados com alguma precisão. No começo da NEP, a crescente expectativa dos trabalhadores e a memória coletiva da antiga organização do trabalho e da militância levou a uma difundida atividade grevista, especialmente quando a administração atrasava os pagamentos. Embora houvesse alguns poucos exemplos de prisões de grevistas pelas autoridades, e alguns casos de violência (ou ameaça de violência) contra eles, a resposta padrão do governo era mais de acomodação e negociação do que de repressão. Em 1925, com uma moeda mais estável e acordos coletivos regulares com procedimentos de queixa significativos, o Estado soviético e a classe trabalhadora negociaram um “contrato social” que foi bem-sucedido em conter a ação grevista. Esse compromisso erodiu gradualmente

43 OSOKINA, Op. Cit., p. 39, 62-63, 77, 91.

44 Cf. MURPHY, 2005, capítulo 6.

no final da NEP, uma vez que a produtividade e as campanhas de corte de custos prevaleceram sobre os interesses materiais dos trabalhadores. Embora alguns trabalhadores evitassem os sindicatos e entrassem em greve no final da NEP, a vasta maioria dos trabalhadores continuou a levar suas queixas para os sindicatos. Mais problemática é a explicação do contínuo declínio da atividade grevista durante o Primeiro Plano Quinquenal, quando os sindicatos desistiram até de simular que estavam defendendo os interesses dos trabalhadores. Embora os trabalhadores temporários e têxteis tenham continuado a fazer greve durante esse período, outros setores se abstiveram de usar esse recurso. O uso estratégico da comida como arma disciplinar, a rápida rotatividade e o aprofundamento das divisões entre os trabalhadores parecem ter contribuído para essa queda. Novas pesquisas de arquivo sistemáticas e comparativas sobre o Primeiro Plano Quinquenal são necessárias.

Referências bibliográficas

ANDREEV, Leonid [et. al.] "Les conflits du travail en Russie soviétique pendant le 'communisme de guerre' et la N.E.P." In: DEPRETTO, Jean-Paul. *Pouvoirs et société en Union Soviétique*. Paris: Éditions de l'Atelier/Éditions ouvrières, 2002.

AVES, Jonathan. *Workers Against Lenin: labour protest and the bolshevik dictatorship*. London: Tauris I. B. Publishers, 1996.

BRIAN, Eric; HAIMSON, Leopold H. "Labor unrest in Imperial Russia during the First World War. A quantitative analysis and interpretation." In: HAIMSON, Leopold H.; SAPELLI, Giulio (eds.): *Strikes, social conflict, and the First World War. an international perspective*. Milan: Fondazione Giangiacomo Feltrinelli, 1992.

BROVKIN, Vladimir. *Russia after Lenin: politics, culture and society, 1921-1929*. London: *Routledge*, 1998.

CARR, Edward Hallett. *The Interregnum, 1923-1924*. New York:

The Macmillan Company. 1954.

CARR, Edward Hallett; DAVIES, Robert W. *A History of Soviet Russia. Foundations of a Planned Economy 1926-1929, vol. I.* London: Macmillan, 1969.

DAVIES, R. W.; BARBER, J. D. *Employment and industrial labour.* In: DAVIES [et. al.] *The Economic Transformation of the Soviet Union, 1913-1945.* Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DEUTSCHER, Isaac. *The Prophet Unarmed: Trotsky 1921-1929.* New York: Oxford University Press, 1959.

GUSEV, Aleksei. "The 'Bolshevik Leninist' Opposition and the Working Class, 1928-1929". In: FILTZER [et. al.] *A dream deferred: new studies in russian and soviet labour history.* Bern: Peter Lang, 2008.

IAROV, Serguei. *Gorojanin kak politik: revoliutsiia, voennyi kommunizm i NEP glazami petrogradtsev.* S.Peterburg: DB, 1999.

KOENKER, Diane. *Labor relations in socialist Russia: printers, their union, and the origins of Soviet socialism, 1918-1921. Final Report to National Council for Soviet and East European Research, 1990.*

----- *Labor Relations in Socialist Russia: Class Values and Production Values in the Printers' Union, 1917-1921.* In: SEIGELBAUM, Lewis e SUNY, Ronald (orgs.) *Making Workers Soviet: Power, Class, and Identity.* Ithaca: Cornell University, 1994, p. 159-193.

KOENKER, Diane; Rosenberg, William G. *Strikes and Revolution in Russia, 1917.* Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1989.

MURPHY, Kevin. *Revolution and Counterrevolution: class struggle in a Moscow metal factory.* New York and Oxford: Berghahn Books, 2005.

OSOKINA, Elena. *Our Daily Bread. Socialist distribution and the art of survival in Stalin's Russia, 1927-1941.* Armonk, N.Y.: M. E. Sharpe, 2001.

POSPIELOVSKY, Andrew. "Strikes during the NEP" In: *Revolutionary Russia, Vol. 10, N. 1* (June 1997).

ROSSMAN, Jeffrey J. *Worker resistance under Stalin*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

TCHERNIAEV, Vladimir Yurievitch. *Píterskie rabôtchie i diktatura proletariata. Oktyabr 1917-1929. Sbornik dokumentov*. SP: Russko-Baltiski informatsioni tsentr "BLITS", 2000.

WARD, Chris. *Russia's cotton workers and the New Economic Policy: Shop-floor culture and state policy, 1921-1929*. Cambridge Russian, Soviet and Post-Soviet Studies (Book 69). Cambridge: Cambridge University Press (June 20, 2002).

Tradução: Priscila Marques⁴⁵

45 Pós-doutoranda do Programa de Literatura e Cultura Russa, FFLCH/USP.